



SANTOS, Matheus Barbosa. **Neste mesmo chão, outros passos**: indivíduos não-brancos nos Sertões do Rio Grande (Ribeira do Acauã, Totoró, Séculos XVIII-XIX). 2022. 194f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - CERES, Caicó, 2022.

SOUZA, Marcelo Lopes. Território da divergência (e da confusão). In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009. p. 57-72.

ANÁLISE GEOGRÁFICA MULTIDIMENSIONAL DAS ADVERSIDADES DO SERTÃO NORDESTINO NA OBRA “VIDAS SECAS” – GRACILIANO RAMOS

Autor: Gean Dias Alves
Graduando em Geografia – UFCG/CFP
geandias66@gmail.com
Coautora: Elionágela Cássia Santos Souza
Graduanda em Geografia – UFCG/CFP
elionagela15cassia@gmail.com
Coautor: Rafael Mafra de Oliveira
Graduando em Geografia – UFCG/CFP
rafaelmafrarmo@gmail.com

RESUMO: Este presente artigo apresenta uma análise geográfica e bibliográfica do clássico da literatura brasileira, a obra "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, tendo como principal objetivo explorar as múltiplas categorias da geografia para compreender as adversidades vivenciadas pelos personagens no contexto do sertão nordestino, durante as três primeiras décadas do século XX, além de refletir sobre o processo de mobilidade espacial enfrentados pelos sujeitos na época. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, investigamos como as categorias de análise geográficas - espaço, lugar, paisagem, território e região - se manifestam na obra através das experiências retratadas na narrativa, evidenciando a vastidão e a aridez do sertão como espaço de vivência, as condições subumanas, as lutas territoriais e as características singulares da região.

Palavras-chave: Sertão; Categorias de Análise; Retirantes; Mobilidade Espacial.

Introdução

A obra “Vidas Secas”, principal produção literária do renomado escritor brasileiro Graciliano Ramos, romance escrito entre 1937 e 1938 e publicado originalmente em 1938, transcende os limites da literatura por proporcionar uma profunda imersão nas realidades do



sertão nordestino durante as três primeiras décadas do século XX. Escrita na terceira pessoa, e com o narrador onisciente, possui um tempo psicológico em detrimento do cronológico e está dividida em 13 capítulos relativamente autônomos. A obra retrata a história de uma família de retirantes do sertão nordestino que vivem em condições adversas, em busca de um lugar para se afugentar das condições sócio-ambientais às quais estavam submetidos na época, fugindo da seca, da pobreza e da fome.

Famoso por realizar críticas sociais em suas obras, Graciliano Ramos apresenta em "Vidas Secas" uma espacialidade de cunho geográfico, por meio da problemática social evidenciada no sofrimento do homem com a seca e na situação de miséria extrema em que vivem os personagens. A escassez de chuva, aliada à ausência de políticas públicas e ao descaso do governo em investimentos sociais, marca o contexto do sertão como um ambiente hostil de difícil sobrevivência. A representação, através da ficção, da realidade do nordeste feita por esse autor constitui um referencial para estudos desenvolvidos no contexto geográfico, como é o caso de Josué de Castro em seu livro "A Geografia da Fome" (1984, p. 176-177), ao relacionar as condições ambientais do semiárido e suas consequências, destaca que:

Se o sertão não estivesse exposto a fatalidade climática das secas, talvez não figurasse entre as áreas de fome do continente americano. infelizmente, as secas periódicas, desorganizando por completo a economia primária da região, extinguindo as fontes naturais de vida. crestando as pastagens. dizimando o gado e arrasando as lavouras, reduzem o sertão a uma paisagem desértica. com seus habitantes sempre desprovidos de reserva, morrendo à míngua de água e de alimentos. Morrendo de fome aguda ou escapando esfomeados aos magotes, para outras zonas, fugindo atemorizados à morte que os dizimaram de vez na terra devastada.

O fenômeno climático, delineado por José de Castro em "Vidas Secas", transcende sua natureza natural para assumir uma perspectiva notavelmente hostil sobre o sertão, tornando-se o epicentro da narrativa. O título do livro, por si só, evoca a aridez que permeia todos os recantos desses espaços áridos. Em meio a esse cenário caótico, a palavra "seca", presente no título, adquire uma carga semântica multifacetada: ela denota não apenas a aridez física da região, mas também encapsula as vidas áridas dos personagens, suas esperanças e sonhos, bem como seus sentimentos. A escassez de água, evidenciada na paisagem e vivida no cotidiano dos protagonistas, ecoa desde o leito do rio seco até o solo desprovido de vida. Essa interconexão simbólica entre o fenômeno climático e as vidas humanas realça a profundidade da obra ao



explorar a relação mutualidade entre o ambiente hostil vivido e as experiências dos personagens.

Nesse contexto, o artigo propõe-se a realizar uma análise geográfica e bibliográfica da referida obra, buscando desvendar as relações intrincadas entre os personagens e o árido cenário que molda suas vidas. Com o intuito de compreender as adversidades enfrentadas pelos protagonistas e refletir sobre os desafios da mobilidade espacial na época, utilizamos as múltiplas categorias de análise geográfica - espaço, lugar, paisagem, território e região - como recortes de análise.

Ao explorarmos a vastidão e aridez do sertão nordestino como espaço de vivência, procuramos compreender desde cá os impactos dessas características geográficas nas experiências humanas retratadas na narrativa. Por meio dessa análise, buscamos não apenas desvelar as complexidades geográficas presentes em "Vidas Secas", mas entender como essas manifestações se entrelaçam com as questões sociais, econômicas e culturais da época. A mutualidade entre a geografia e a literatura fornece uma perspectiva única para a compreensão das dinâmicas históricas e sociais que moldaram ao longo dos anos o sertão nordestino, transformando-o em palco dos personagens desta obra.

Espaço, Território e Mobilidade em “Vidas Secas”

Em "Vidas Secas", a interconexão entre espaço, território e mobilidade espacial surge como uma trama intrincada, onde a família de retirantes migra em resposta às adversidades do sertão nordestino. A mobilidade, aqui, não se refere a simples mudança geográfica, mas é uma resposta multifacetada às condições desfavoráveis, manifestando-se não simplesmente a partir de um deslocamento físico, mas também nas adaptações sociais e econômicas em que a família é compelida a enfrentar.

O espaço, categoria de análise fundamental da ciência geográfica, engloba as demais categorias: lugar, território, paisagem e região. O espaço, como categoria basilar, é considerado também o principal objeto de estudo da geografia, sendo o conceito-chave desta ciência. O espaço, no contexto inicial da obra, é percebido como um cenário estático, todavia revelando-se dinâmico, moldando-se e sendo moldado pela constante mobilidade dos personagens.



Sua definição é uma tarefa desafiadora, uma vez que ao longo da história da geografia, ele recebeu diversas interpretações. Nesse sentido, o próprio conceito de espaço é flexível e mutável. Alguns autores se dedicaram a essa tarefa. Milton Santos, em seu livro "A Natureza do Espaço", define-o como "um resultado da inseparabilidade entre sistemas de objetos e sistemas de ações" (SANTOS, p. 65, 2006a), ou seja, é único e múltiplo por suas diversas parcelas, e, através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, a cada fração da paisagem. Assim, o espaço é resultado das atividades e da sociedade que o constroem de acordo com suas necessidades.

A obra marca em suas entrelinhas, características marcantes do espaço geográfico em que os personagens estão inseridos. Este espaço é marcado por um paradigma de pobreza e desigualdades sociais, o que dificulta a vida e as atividades diárias dos personagens. No desenrolar da história, nota-se que o espaço não é apenas marcado por fenômenos de ordem natural; a sociedade é também responsável pela formação do espaço. Neste caso, é caracterizado pela disparidade entre sujeitos, onde a irregularidade das chuvas, somada à falta de políticas públicas, transforma o sertão em um ambiente inóspito e hostil, conforme observado no trecho:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala (GRACILIANO, 2013, p. 6).

A vida da família de Fabiano é ditada, portanto, pelas adversidades do sertão nordestino. A chuva é o elemento natural responsável por trazer certa segurança e bem-estar para o grupo de migrantes, obrigados a deixar seu lugar em busca de melhores condições de vida, já que a família como Fabiano exclamava "Vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra" (RAMOS, 2013, p. 9).

A luta pela terra e a exploração do trabalho caracterizam o território ocupado pela família de retirantes, junto ao fenômeno natural da seca. Nesse contexto, o território pode ser



definido como "um espaço definido e marcado por e a partir de relações de poder" (SOUZA, 1995 *apud* SAQUET; SPOSITO, 2016, p. 86), sendo essencialmente um instrumento do exercício do poder.

No enredo da história, pode-se destacar um fenômeno especial relacionado ao território: a desterritorialização. Segundo a abordagem de Haesbaert (2007a), decorre da saída forçada do local de vivência, representando não apenas uma mudança geográfica, mas também um processo profundo de desvinculação das raízes e dos costumes. No caso da família de Fabiano, essa experiência é imposta, impactando significativamente suas vidas e bem-estar. Sendo assim, conforme de Haesbaert (2006b, p. 67):

A desterritorialização, [...] é um processo de exclusão social, ou melhor, de exclusão socioespacial. [...] Na sociedade contemporânea, com toda sua diversidade, não resta dúvida de que o processo de "exclusão", ou melhor, de precarização socioespacial, promovido por um sistema econômico altamente concentrador é o principal responsável pela desterritorialização.

A desterritorialização transcende a simples saída de um território, configurando-se como um fenômeno intrinsecamente negativo e excludente, como é explicitado no trecho: "Entristeceu considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede" (RAMOS, 2013, p. 9).

Em síntese, em "Vidas Secas", a relação mútua entre espaço, território e mobilidade caracteriza-se como uma narrativa complexa, onde a família de retirantes não apenas está sujeita à precarização socioespacial, mas também emprega a mobilidade como estratégia de resiliência. Em constantes deslocamentos, a família não experimenta apenas a transitoriedade geográfica, mas vive em uma profunda alienação, refletindo a complexidade diante de constantes desterritorializações.

O lugar e a construção da identidade: desafios enfrentados pela família de retirantes

O Sertão Nordestino, apesar de sua carga de desafios e adversidades, emerge como um cenário singular, sendo o epicentro da identidade e memória que permeiam a existência da família de Fabiano. Forçados a migrar, encontram-se fadados à procura de um novo lugar para



se abrigar e, conseqüentemente, construir novos vínculos. Nesta concepção, pode-se entender o lugar como sendo a porção do espaço apropriável para a vida (CARLOS, 1996). De acordo com a Geografia humanística, o lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do vivido, do experimentado (CAVALCANTI, 2003).

Dessa maneira, na obra "Vidas Secas", o conceito de lugar revela-se como a porção do espaço vital onde os personagens não apenas habitam, mas também forjam laços afetivos profundos, como expresso no trecho: "Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado" (RAMOS, 2013, p.). Nessa passagem, a narrativa sugere que o lugar não é apenas um cenário físico, mas constitui-se como território emocional, onde as relações humanas florescem e se enraízam, conferindo ao lugar um significado mais profundo e complexo na tessitura do enredo.

Destaca-se, além disso, uma faceta intrigante da interação entre pessoas e lugares reside na capacidade de atribuir significados e sentidos, o que propicia a metamorfose de espaços em verdadeiros lugares, conforme observado por Yi-Fu Tuan (1983, *apud* PONTE; BOMFIM; PASCUAL, 2009). A identidade de um lugar é forjada pelas características singulares que o distinguem, conferindo-lhe uma personalidade única em relação aos demais. Essa construção não ocorre de maneira isolada, mas é um processo social moldado pelos indivíduos em seu cotidiano, nas interações que estabelecem e nas influências culturais que permeiam essas relações. Dessa forma, os lugares não são apenas geograficamente definidos, mas são também tecidos pelos fios da experiência humana, das relações sociais e da expressão cultural.

O lugar, portanto, se configura como a parcela do território onde se desenrola a trama da vida humana, impregnada pelas intrincadas teias das relações sociais. É a partir dessas interações que o lugar ganha forma, simultaneamente dando origem à identidade e ao sentimento de pertencimento. O lugar revela, dessa maneira, sua natureza subjetiva. Cada indivíduo percebe o lugar e estabelece uma relação única com ele, participando ativamente na construção do denominado "espaço vivido": um local onde as relações humanas florescem, e onde se forjam laços afetivos e emocionais que conferem significado e profundidade à experiência vivida.

Paisagem e adversidade Ambiental



Com o estudo do espaço geográfico, a geografia busca compreender e descrever a dinâmica da superfície terrestre a partir dos aspectos naturais e sociais, bem como as relações existentes entre eles por meio de categorias de análises, sendo uma delas, a paisagem. Evidenciada sob a ótica da Geografia, a partir da análise do espaço através da paisagem, a mesma permite compreender os mais diversos aspectos das organizações e relações existentes no nosso Planeta, seja de ordem natural, englobando os aspectos físicos, biológicos e outros, mas também os de ordem humanizada, em que um indivíduo ou um grupo de indivíduos imprimem transformações através do trabalho sobre determinada porção do espaço, antes natural.

Em “Vidas Secas”, a paisagem é considerada um elemento central que estabelece as condições (precárias) vividas pelos personagens. O contexto paisagístico, ora conflitantes, ora aprazíveis (em pequenos recortes), estão presentes a todo tempo nos pormenores da trama, representados por meio dos aspectos naturais, mas também os sociais, conforme o trecho: “A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos” (RAMOS, 2013, p. 6).

A representação da paisagem árida e seca do sertão nordestino pelo autor, reflete como essa adversidade ambiental impactou diretamente as vidas dos personagens na obra, e como as características do contexto (local) afetaram as práticas agrícolas, o acesso à água e, sobretudo, a sobrevivência da família.

Para Santos, a paisagem é "tudo aquilo que nós vemos, o que a nossa visão alcança." (SANTOS 1991, p. 61b.), e continua classificando-a, na sequência, como uma "[...] dimensão da percepção" (Ibid, p. 62b.). Neste sentido, para o autor, a paisagem, independente se natural ou antropizada, necessita que um sujeito, parte integrante desta, seja capaz de observá-la e/ou descrevê-la. Logo, figura-se como parte da construção humana, ou seja, como o homem percebe e concebe os elementos que o envolve. Bertrand (1972) parte da visão geossistêmica da paisagem a partir do conjunto de elementos que a compõem, e se interrelacionam. Logo, para o autor a paisagem:

É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo



dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 1972, p.141).

Diante desse enfoque, o contexto (espacial) em que perpassa o enredo da obra, os elementos paisagísticos como a caatinga; a seca; o “inverno”, as miragens e delírios (fruto da imaginação de uma imagem pré-concebida); a morte, (representada pelo contexto); o relevo; as construções e ocupações; e todos os fatores perceptíveis aos olhos e sentidos pelos mesmos, influenciaram diretamente o modo de vida e o destino da família. A saga e toda a conjuntura paisagística, ora conflitantes, ora aprazíveis (em pequenos recortes), estão presentes a todo tempo nos pormenores da obra. As condições paisagísticas, portanto, estabeleceram e substancialmente influenciaram os movimentos, repetidos, dos sujeitos da obra, à busca da dignidade da vida em locais favoráveis — nem sempre encontrados —, para sua sobrevivência.

Região Nordeste em 'Vidas Secas' desafios sociais e geográficos

A região como categoria de análise para a geografia, embora não seja exclusivamente utilizada por esta ciência, é um dos conceito-chaves para a compressão das características e as relações existentes entre o homem e a natureza, no espaço. De acordo com Haesbaert (2019c), dependendo da corrente teórica utilizada, a região por um lado pode estar associada ao espaço vivido, e por outro, vinculada ao planejamento regional, este, utilizado para a organização do território e das políticas públicas voltadas para a sociedade.

Com base nas considerações de Carl Ritter, renomado geógrafo da escola alemã), tendo em vista a fragmentação do espaço, Lencioni (1999) menciona que o referido autor partiu da identificação das particularidades do meio, para compreensão da totalidade (fenômenos da superfície da Terra). No mesmo sentido, tendo em vista as diferenças e, sobretudo, as semelhanças, seja de ordem natural ou social (culturais e econômicos) que ambas se apresentam em determinadas “porções” do espaço, são critérios, utilizados por diversas intuições no mundo para propor a divisão administrativa do espaço, inclusive no Brasil (IBGE, c2023). Tais condições nos revela como essa categoria de análise (região), tendo em vista a divisão em questão, através das suas características, parte da esfera de poder sob as camadas territoriais, ao passo que influenciam e direcionam as dinâmicas sociais no espaço geográfico.



Em “Vidas Secas”, o contexto espacial e temporal que se apresenta na obra, “a região nordestina de meados do século XX”, ao qual foi extremamente marcado por fatores conflitantes, seja pelas secas, pela fome, miséria e a migração, desafiaram, continuamente, os personagens da obra. As dificuldades, relatadas por Ramos (2023), amplificadas pelo características dramáticas das condições pontuadas, ao conectar o contexto da obra com a realidade contemporânea, é possível perceber que embora algumas condições circunstanciais tenham evoluído, muitos dos desafios enfrentados pelo nordeste brasileiro ainda persistem. Questões como desenvolvimento Regional, políticas públicas e mudanças socioeconômicas continuam a desempenhar um papel crucial na vida dos habitantes dessa região é veio desse ano a relevância atemporal da narrativa de vidas secas.

Para além das condições geográficas, as estruturas das dinâmicas sociais e econômicas da região exercem também um papel crucial na trama. A estrutura agrária desigual, a ausência de oportunidades econômicas e as relações de poder ocasionadas pela seca criaram, um contexto propício para o sofrimento humano, explorado em "Vidas Secas". O fenômeno da migração, posto como uma estratégia de sobrevivência, mostra-se como um tema recorrente na obra. A busca por condições melhores de vida leva os personagens a enfrentar desafios diversos, e essa dinâmica reflete a realidade da migração não apenas no contexto da obra, mas também sobre um fenômeno que ainda persiste na região nordestina brasileira ao longo dos anos.

Nesse contexto, em síntese, o sertão nordestino não é apenas o cenário em "Vidas Secas", mas uma força viva que molda as vidas dos personagens e possibilita elaborar reflexões sobre as interações e suas múltiplas complexidades entre o homem e a natureza, além das dinâmicas sociais que permeiam o espaço geográfico.

Considerações finais

O sertão nordestino foi cenário de diversas narrativas literárias que impulsionaram o estereótipo da região como sinônimo de miséria, pobreza e seca, decorrentes das condições climáticas locais. A imagem criada em torno do Nordeste, como uma região caracterizada pela pobreza, surgiu principalmente durante o processo de desenvolvimento do país. É neste contexto que a obra "Vidas Secas" toma o sertão do início do século XX como cenário de seu enredo, marcado pelas adversidades climáticas evidenciadas pela seca, e pelas desigualdades



sociais e econômicas. Graciliano Ramos conseguiu, através de seu trabalho, não apenas a construção de uma obra literária, mas uma obra que transcende a literatura, oferecendo uma descrição das realidades enfrentadas por uma família de retirantes, cujas vidas são controladas pela seca, pela fome e pela busca de um lugar digno para fazer moradia.

A partir da análise geográfica utilizando das categorias espaço, território, lugar, paisagem e região, destacaram-se como esses elementos se entrelaçam para criar a teia intrincada que envolve a experiência humana no sertão nordestino. A geografia desse espaço árido e hostil emerge como um personagem vivo na trama, influenciando não apenas as condições do ambiente físico, mas também as vidas e os destinos dos protagonistas da obra. A mobilidade espacial da família de Fabiano não trata apenas de uma mudança geográfica, mas de uma resposta às condições adversas impostas pela seca e pela miséria. A desterritorialização, marcada pela saída forçada e pela perda de raízes, não reflete apenas um deslocamento físico, uma migração habitual, mas um processo profundo de desvinculação das identidades e dos laços culturais.

A paisagem, vista revelada sob uma ótica geográfica, atua como um papel central na obra, delineando as condições precárias vividas pelos personagens. E, por fim, na região nordestina, como um contexto social-econômico, desempenha um papel crucial na trama, evidenciando as desigualdades sociais, a estrutura agrária desigual e também a migração como estratégia de sobrevivência.

A obra com maior destaque de Graciliano Ramos, "Vidas Secas", é um espelho das complexidades do sertão nordestino e das relações entre o homem e a natureza. A geografia se soma à narrativa, propiciando uma compreensão mais profunda das dinâmicas históricas e sociais que moldam e moldaram essa região ao longo do tempo. A obra de Graciliano Ramos ainda é hoje um testemunho atemporal das adversidades recorrentes que caracterizam o sertão do nordeste.

Referências bibliográficas

BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física Global: esboço metodológico. Cruz, Olga (trad.). Cadernos de Ciências da Terra. São Paulo, USP-IGEOG, nº 43, 1972.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 20-21.



CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2003. p. 89-90.

DE CASTRO, Josué. **Geografia da Fome**. 10^a ed., Rio de Janeiro: Ed. Antares.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. et al. **Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006a. p. 43- 70.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

HAESBAERT, R. Região. **GEOgraphia**, Niterói, v. 21, n. 45, p. 117-120, jan./abr. / 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2019.v21i45.a28995>. Acesso em: 10 dez. 2023c.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão Regional do Brasil**. c2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 10 dez. 2023.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

MOURA, Aparecido Roberto de; LUDKA, Vanessa Maria. **Ensino de geografia por meio da literatura: uma análise da obra vidas secas, de Graciliano Ramos**. Pesquisar, Florianópolis, v. 8, n. 16, p. 70-83, nov. 2021.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. **O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada**. Estudos de Psicologia 2006.

PONTE, Alexandre Quintela; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; PASCUAL, Jesus Garcia. **Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural**. Psicol. Argum., Curitiba, v. 27, n. 59, p. 345-354, out./dez. 2009.

RAMOS, Graciliano, 1892-1953. **Vidas Secas**. 120. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 8. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006a.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1991b.



SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. O conceito de território no Brasil: entre o urbano e o rural. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.38, v.2, p.84-112, ago./dez. 2016.

É A PARTE QUE TE CABE DESTE LATIFÚNDIO: A FUNÇÃO SOCIAL DA TERRA, O CAMPONÊS E A FORMAÇÃO LATIFUNDIÁRIA NO SERTÃO DA PARAÍBA (1850-1930)

Jackson Jose Leite Ferreira
Universidade Federal de Campina Grande - Campus Sede
jackson2017leite@gmail.com
Jordana dos Santos Barros
Universidade Federal de Campina Grande - Campus Sede
jordana.santos@estudante.ufcg.edu.br
João Vitor Souza Muniz
Universidade Federal de Campina Grande - Campus Sede
joao.souza@estudante.ufcg.edu.br

RESUMO: Este trabalho discorre sobre a Função Social da Terra, delimitado ao processo de distribuição e formação da estrutura fundiária da Paraíba a partir da promulgação da Lei de Terras (1850). Considerando a construção histórica fundamentalmente agrária desta sociedade, enveredar por uma História Social da Agricultura revela-se meio para compreensão das desigualdades perenes que afligem, principalmente, os pobres (Vianna, 2013). Objetivamos, assim, analisar a concentração fundiária no sertão do estado em sua relação com o camponês, refletindo acerca dos seus aspectos econômicos, políticos e sociais no que tange ao (mau) uso da terra. À luz de Marés (2021) e Martins (1981), entendemos que, embora desigual, a utilização da terra não se pautou somente pela criação de gado e cultivo de algodão, mas foi protagonizada também pelo camponês e pelas culturas de subsistência.

Palavras-chave: Lei de Terras; Questão agrária; Paraíba; Sertão; Resistência camponesa.

Introdução

A metodologia utilizada na pesquisa foi o método dedutivo-argumentativo e de procedimento monográfico, com aprofundamentos bibliográficos e documentais, organizando dados e produzindo um apanhado acerca da problemática, tendo como referencial teórico às compreensões de Marés (2021) e Martins (1981) acerca dos camponeses brasileiros e do uso da terra. Temos como pretensão propor uma análise crítica das condições de existência dos trabalhadores pobres, quase sempre excluídos da posse da terra, praticantes de ofícios pouco